

BALZAC, O PODER E O JORNALISMO

Celso Figueiredo*

Resumo: A leitura de um clássico de Balzac, *Ilusões perdidas*, permite, ainda hoje, compreender as intrincadas relações de poder entre governo e jornalismo. Balzac aponta as diferenças entre discurso e ação, ideologia e partidarismo presentes no cotidiano dos jornalistas que jogam com os sentidos das palavras de acordo com a maré dos próprios interesses políticos. Artistas, ainda hoje, se deixam engolir pela máquina de produção da indústria cultural, trabalhando sob encomenda e em grande volume, deixando para segundo plano a busca de qualidade e da superação próprias do fazer artístico.

Palavras-chave: Mídia; jornalismo; poder; arte.

■ **S**e a marca do gênio está na atemporalidade da obra, *Ilusões perdidas* de Balzac é um soberbo exemplo de texto que ganha impulso a cada ano que passa, a cada vida que se vive. O romance publicado em 1843, há mais de 160 anos, pulsa, ainda hoje, com uma energia visceral intensa que suga a atenção do leitor, derrubando-o balaustrada abaixo no infinito fosso babélico da cultura ocidental. Envolve o leitor na utopia radiosa do jovem poeta do interior que vai à cidade grande em busca de seu sonho, sofre as vicissitudes do amadurecimento na dureza pétrea da cidade, bem como na profunda prontidão de seus bolsos vazios. É apresentado ao caminho sólido e áspero dos poetas e artistas sérios do Cenáculo, mas deixa-se seduzir pelo *grand monde* dos poderosos jornalistas, converte-se em “mercador de palavras”, sobe aos céus da fama, glória, mulheres e dinheiro fácil para, em seguida, desabar no mais pro-

* Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: kekomack@uol.com.br.

fundo esgoto da alma humana, numa montanha-russa emocional em que nada é poupado. Parte e vítima do sistema, ambicioso e ingênuo, caçador e caça, o poeta-jornalista do livro exemplifica muito bem a “sinuca” vivida por tantos que buscam, com sua arte, atender ao mercado.

A epopéia de Lucien Chardon começa quando ele encontra seu antigo colega de escola, David Séchard, recém-regressado de Paris, onde fora aprender o ofício de gráfico para assumir a pequena tipografia familiar. Lucien, filho de um farmacêutico que falecera endividado, vive em profunda miséria, tendo a mãe, de origem nobre, o malvisto ofício de enfermeira. Lucien é a corporificação do poeta romântico. Jovem, belo, evanescente e pobre.

NA INSOSSA VIDA DO INTERIOR, ATÉ A NOBREZA SE ENTEDIA

Do outro lado da cidade, o lado nobre, a mais badalada das senhoras de Angoulême, Anaïs de Bargeton, enfasiada da pobreza dos espíritos da província, sonha com o universo onírico dos grandes poetas. Casada com um homem mais velho, a quem conduz a seu bel-prazer, Anaïs prescinde de emoção para temperar sua vida e seu salão, o mais bem freqüentado da região. Perdoe a rima. O jovem poeta é uma atração perfeita para animar seus convivas e, por essa razão, é convidado à cidade alta.

O destino, porém, foi tinoso ao trazer para aquela corte do interior não um jovem talentoso, mas, nas palavras da Sra. de Bargeton, “o poeta era a própria poesia”.

Daí em diante, não há necessidade de descrever. Idas e vindas, olhares, sorrisos, paixão. Tentativas toscas de encobrir o caso. Amigas invejosas, o grande jogo de interesses de um pequeno mundo. Malícia e falácia constroem uma armadilha para o jovem poeta e sua nobre amante.

O amor impossível, tema recorrente nas obras românticas, de Shakespeare a Machado, da suicida Julieta à esquiva Capitu, é clichê, é chavão. É, contudo, motor maior da literatura em qualquer tempo. Do Calímaco de Maquiavel na pérola medieval *A mandrágora* ao rala-e-rola explícito Global da novela das oito, as possibilidades do amor impossível são infinitas variações sobre o mesmo tema.

Mesmo na literatura da primeira metade do século XIX, em que se inclui o texto ora estudado, o impossível amoroso foi explorado à saturação. Para ficarmos em apenas um exemplo, no esplêndido *O vermelho e o negro* de Stendhal (1979), de 1830, publicado treze anos antes de *Ilusões perdidas*, temos uma situação incrivelmente semelhante à paixão de Lucien e Anaïs. Nesse clássico da literatura universal, temos como protagonista o pobre Julien Sorel, filho de lenhador, educado pelo cura da pequena localidade de Verrières, que se apaixona pela linda Sra. de Renal, esposa do prefeito local. Como no livro de Balzac, a situação de amor impossível força a fuga dos amantes (no caso de Stendhal, apenas Julien deixa a cidade). Outra coincidência entre os livros é que, em ambos os casos, quando deixam o interior e empreendem a viagem para a cidade grande, todo aquele amor, aquela paixão lancinante, esmorece em vista dos novos e excitantes desafios da vida burguesa na cidade grande.

Pareceria ao leitor superficial que *Ilusões perdidas* não seria, enfim, em nada especial, já que repete o pressuposto amoroso do amor romântico. Ilusão, caro leitor. Mesmo partindo de um intróito tão *déjà vu*, a obra de Balzac se alarga sobremaneira quando o protagonista chega a Paris e se lhe apresenta a Comédia Humana.

Comédia Humana, é bom que se diga, é o nome dado por Balzac à maior parte de sua obra, composta por nada menos que 95 livros, dos quais *Ilusões perdidas* faz parte. A maior parte desse material foi publicada em formato folheto, ou seja, em capítulos em jornal, mesmo veículo que conduz à ascensão e queda de nosso jovem poeta. Uma metalinguagem midiática em pleno século XIX. Comédia humana é também referência do autor à *Divina comédia* de Dante. Pela simples oposição entre humano e divino já podemos inferir um dos fatores mais marcantes dessa obra: sua divina humanidade. Tão humano e próprio do comportamento comezinho de nosso dia-a-dia que Balzac em sua obra lança as bases do realismo, que veio a ser explorado, e extrapolado, por seus conterrâneos, em especial o naturalista *Germinal* de Émile Zola.

Um dos grandes imãs da obra de Balzac está exatamente em opor personagens de ideologia romântica a situações de um realismo patético. Esse conflito entre a concepção de vida e a vida dos personagens dá à obra um fôlego extra, e prende o leitor da primeira à última linha. Uma obra que recomendamos fortemente a estudantes de jornalismo e publicidade.

A Paris de Balzac, em 1821, ano em que o romance é situado, vive um período em que a guerra pelo poder entre nobreza e burguesia se acirra. Vinte e três anos decorridos da Revolução Francesa, depois de idas e vindas de lado a lado, com o poder pendulando entre nobreza e burguesia nas suas mais diversas composições. O próprio Napoleão, quando ainda um obscuro general do interior que chega à Paris revolucionária, nos dá uma bela fotografia de como era aquela sociedade:

O luxo, o prazer e as artes renascem aqui de maneira surpreendente [...] Parece que todos querem ser indenizados pelo tempo em que sofreram, e que a incerteza do futuro leva a investir tudo nos prazeres do momento [...] Esta cidade é sempre a mesma: Tudo pelo prazer, pela mulheres, pelos espetáculos, pelos bailes, pelos ateliês dos artistas (apud GALLO, 2003, p. 175).

A burguesia, embriagada pelo poder recém-adquirido, oscilava entre a emulação dos modelos da aristocracia e a afirmação de seus novos valores. O próprio Balzac viveu esse conflito ao adicionar um duvidoso “de” a seu sobrenome, visando à nobreza e tendo sido colaborador do Partido Monarquista. Sua escolha política atraiu grandes desafetos entre seus pares.

A vida do autor se reflete copiosamente em sua obra. Lucien também, no decorrer do livro, gravita entre burguesia e aristocracia. Muda seu nome do burguês Chardon, do pai, para o nobre De Rubempré da mãe. Colabora com o jornal e o partido dos monarquistas, mas tem seu ganha-pão nos jornais republicanos. Gravita o personagem no mesmo diapasão do autor.

Da primeira decepção amorosa, quando sua amada Anaïs o afasta, ao *glamour* da vida da aristocracia na capital, Lucien passa por um momento de busca de sua identidade poética. Trabalha laboriosamente seus versos. Vive em um paupérrimo quatinho alugado “frio e úmido” e se alimenta no Flicoteaux, o restaurante dos estudantes, miserável, porém divertido. Até aqui, vemos um jovem que persegue seu sonho. Vive duro, mas íntegro, mesmo que dependa das parcas economias da família. Entretanto – e aqui entra a agudeza do estilo de Balzac –, “ele era um poeta e tinha muitos desejos”. A vida dura não corresponde aos sonhos de grandeza de nosso romântico personagem. Já que não pode ser Napoleão (um herói dos românticos), Lucien decide buscar seu lugar ao sol na

high culture local. Consegue ser apresentado ao Cenáculo, grupo de artistas sérios que recebem com grande carinho nosso jovem poeta.

Curioso o nome do grupo. Cenáculo é nome do local onde foi servida a Santa Ceia. Talvez aqui possamos intuir a concepção do papel do artista para esse pequeno grupo, imbuído de uma certeza “religiosa” de suas verdades, os artistas dessa ceia, ou cena, sentem-se os donos da verdade, que desprezam o mercado e o *common reader*. São superiores, inacessíveis, intangíveis em sua torre de marfim.

Não obstante a arte pressupor a expressão da individualidade, o Cenáculo de Balzac era composto por artistas sem vaidades. Era um grupo de autores em que não havia inveja, onde todos eram acolhedores, abertos e francos. Uma versão culta do “Bom selvagem” de Rousseau. Quanto romantismo! Unido, o grupo tinha seu momento de Três Mosqueteiros, já que “o inimigo de um tornava-se inimigo de todos”. Balzac pontua seu texto com frases lapidares. Entre elas, esta que define o elo que os une: “O que torna as amizades indissolúveis é um sentimento que falta ao amor: a certeza”.

Lucien estava feliz e envaidecido. Fora recebido como igual. Fazia parte da elite intelectual. Era aprovado e respeitado por seus pares. Seus sonetos eram lidos e admirados. O que queria mais esse jovem poeta? Não seria esse seu objetivo?

O impossível anseio de Lucien era combinar a pureza do Cenáculo com a delícia da vida vulgar. Não bastava, afinal, toda a aprovação de seus pares. Mesmo suas dificuldades financeiras eram minimizadas por generosas doações de seus colegas. Mas não era suficiente. O apelo brilhante do *grand monde* já havia feito mais uma vítima. Lucien precisava se tornar uma celebridade.

Embragado pelo poder, Lucien escreve e é aplaudido por seus colegas, alguns dos quais já se agitam, considerando-o um perigoso oponente. Lentamente as teias do poder começam a enredá-lo.

O poder do jornalismo é discutido às claras nesse romance. Em determinado momento, dá-se o seguinte diálogo:

– *A influência e o poder dos jornais ainda estão no início. O jornalismo ainda está na infância, vai crescer. Daqui a dez anos tudo dependerá da publicidade.*

– *Fará reis...*

– *Derrubará monarquias.*

Essa visão do poder dos jornais é corroborada por Napoleão Bonaparte, autor da famosa frase: “Quatro jornais hostis devem ser mais temidos do que cem mil baionetas” (apud BRIGGS; BURKE, 2004, p. 108).

Mais adiante, cai o pano e se mostra a falsidade existente por trás da notícia. Nas palavras do personagem Blondet: “Na França, a inteligência e o espírito têm poder, e os jornais, além de inteligência e espírito, têm hipocrisia”. Apoiando Blondet, Claude, outro jornalista, completa: “Em vez de sacerdócio, o jornalismo se tornou primeiro um meio e depois um negócio para os partidos políticos. O jornal é um comércio que vende a informação que quer. *Um jornal não é feito para esclarecer, mas pra bajular alguns e arrasar outros*” [grifo nosso]. A narrativa prossegue: “Em vez de se escandalizar com a conversa sobre a corrupção do jornalismo, Lucien ficou encantado com aqueles homens extraordinários”. Como se pode notar, o poder cegou nosso jovem poeta. O *grand monde* o sedu-

ziu completamente, a ponto de fazê-lo perder sua capacidade de distanciamento crítico.

Estamos lidando com um poeta, para quem a emoção é a rainha e a razão, a serva. Lucien coloca sua hábil razão a serviço do poder e de toda a emoção proveniente dele.

José Miguel Wisnik (1992), em seu ensaio “Ilusões perdidas”, faz uma rica análise do romance de Balzac pela óptica da Escola de Frankfurt, na qual entende o jornal como sistema de comunicação de massa em que a representação do mundo via diário sofre as distorções típicas do sistema capitalista, em que a lógica do mercado legitima a corrupção do próprio negócio. Se vende, é bom. Dissocia-se, assim, a relação entre qualidade e sucesso. Discute ainda o paradoxo da literatura. Engolido pela produção maciça de jornais, o autor (seja poeta, escritor ou jornalista – já que era tudo ao mesmo tempo) sofre a pressão diária por produção, é engolfado pela necessidade contínua de textos, deixando de lado a qualidade necessária à confecção de bons textos.

Lucien mergulha na roda da fortuna, compromete-se a escrever em diversos diários. Joga. Perde. Precisa cada vez mais de dinheiro para manter a imagem de sucesso e *status* além de Coralie, a atriz a quem se ligou, que abandonara seu rico benfeitor pela louca vida do poeta.

Lentamente, o jovem jornalista vai sendo conduzido por seus editores, por suas dívidas e por seu estilo de vida a escrever o que quer que interesse ao jornal. Lucien é obrigado a escrever bem, mal e “muito pelo contrário” de livros que admira. Aprende as manhas das letras, a dubiedade de sentidos. Vende seu livro de sonetos *As margaridas* para um editor que nunca o publicará, que compra não o livro, mas a indulgência do crítico. Indispõe-se aqui e ali, perde aos poucos o jogo de cintura. A criação de um partido monarquista o seduz – não nos esqueçamos de que nosso herói continua ostentando o sobrenome aristocrático “De Rubempré” – e com essa mudança de lado torna-se inimigo daqueles que o promoveram, perde sua base de sustentação. Cai em desgraça entre seus pares, os jornalistas. Está afastado de seus antigos amigos, os artistas. Tenta, sem sucesso, fazer parte do grupo mais fechado, os nobres monarquistas. O poeta está só.

Perde o pudor e o auto-respeito quando lhe é ordenado que escreva uma resenha negativa do bom livro de seu velho amigo do Cenáculo Daniel D’Arthez, e em prantos o faz.

Em paralelo à vertiginosa queda de Lucien, convém discutir a forma devoradora como o sistema, o jornalismo, se alimenta das pessoas. Promove, suga e cospe o bagaço. O historiador W. E. A. Lecky escreveu em 1888:

O talento literário estava sendo absorvido e pulverizado pela imprensa diária ou semanal. Suponho que jamais houve um país ou uma época em que excelentes talentos literários, em tão grande número, tivessem se dedicado à escrita e se tornado imediatamente anônimos e efêmeros (apud BRIGGS; BURKE, 2004, p. 203).

Esse fenômeno não é restrito à ficção, tampouco ao século XIX. O grande poder desse romance de Balzac está em retratar o que há de humano no sistema. As estruturas de poder e uso da máquina pelo homem, e vice-versa, permanecem até nossos dias. Essa discussão é ainda mais pertinente no momento em que os jornalistas, imbuídos de um espírito de liberdade, proclamam aos qua-

tro ventos os absurdos do abuso de autoridade encetado pelo governo brasileiro ao propor a criação de um conselho para “orientar, disciplinar e fiscalizar” a atividade jornalística.

O tema é espinhoso, e nem de longe tão simples como a comunidade jornalística quer nos fazer crer que seja. Naturalmente, a idéia de cercar a liberdade é inaceitável, não apenas em relação ao mundo das notícias, mas em toda a sociedade. Contudo, como vimos em *Ilusões perdidas*, jornalistas não são santos guerreiros, almas puras e enlevadas em sua nobre missão de trazer à sociedade a “verdade”. Quanta abstração: liberdade, missão, verdade. Lucien de Rubempré aprendeu na marra que palavras são armas, conceitos são flexíveis, e podem ser dobrados para servir a esta ou àquela ideologia.

Balzac nos ensina com a indiscutível atemporalidade de seu texto os meandros das batalhas em que se envolvem os jornalistas. Quando da afiliação de Lucien ao Partido Monarquista, seus fiéis amigos do Cenáculo foram procurá-lo para dizer:

– *O assunto que nos traz aqui é muito sério. Você sabe que sou monarquista, Lucien. Em outra situação ficaria feliz de tê-lo ao meu lado, mas depois que você atacou a direita, os românticos e o governo, não pode mudar de lado e defender justamente a direita, os românticos e o governo.*

– *Estou agindo por força maior – defendeu-se Lucien. – Os fins justificam tudo.*

– *Você não compreendeu a situação política atual – disse Leon – o governo, a corte e o rei estão empenhados em acabar com a imprensa. A criação do *Despertar* e de mais dois jornais monarquistas destina-se a responder às calúnias publicadas nos jornais liberais. O que vai acontecer então? A briga entre os jornais será violenta, o que dará pretexto a leis de restrição à imprensa e a censura.*

O autor aponta ainda com magistral agudeza as idas e vindas do poder. Mostra que o jogo pressupõe uma assustadora ausência de ética, e que todos os envolvidos estão muito mais preocupados com suas premências pessoais que com sua função social.

Ilusões perdidas de Balzac é um daqueles livros em que o retrato do que há de mais humano na humanidade permite que a obra quebre a barreira do tempo da cultura específica de uma época e torne-se válida para toda a civilização. Uma leitura dessa obra seria recomendada a todos os que, de um modo ou de outro, se deixam seduzir pelas delícias do poder e deixam de considerar a importância dos sentimentos e dos sonhos puros próprios da juventude. A trajetória do anjo caído Lucien é uma bela lição de vida que Balzac nos legou.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GALLO, Max. *Napoleão. O canto da partida*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2003.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Abril, 1979.

WISNIK, José Miguel. *Ilusões perdidas*. In: NOVAES, Adauto. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FIGUEIREDO, C. Balzac, power and journalism. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 8, n. 1, p. 32-38, 2006.

Abstract: The reading of a Balzac classic, Lost Illusions, allows us, still today, to understand the complicated relationship between government and journalism. Balzac shows the difference between discourse and action, ideology and partisanship present in the journalistic routine. They play with the word's meaning according to their own political concerns. Artists, today more than ever, allow themselves to be absorbed by the cultural industry, working under demand of large amounts, neglecting the search for quality and self surpassing, pecculiar to the artistic activity.

Keywords: Media; journalism; power; art.